

O SISTEMA FAMILIAR NA ADOLESCÊNCIA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

THE FAMILY SYSTEM IN ADOLESCENCE AND ITS TRANSFORMATIONS

SHIRLEY BEZERRA FEITOSA LEITE¹
SONIÁRLEI VIEIRA LEITE²

Recebido em 23/04/2022

Aprovado em 13/06/2022

RESUMO

Este artigo se propõe à reflexão e análise da estrutura familiar e sua interação com a figura do adolescente em transformação. Em sua transformação os adolescentes constroem suas individualidades, enfrentando os lutos que se materializam nesta fase da vida e com impactos relevantes em suas relações com os pais. Referidos lutos são estudados sob a ótica psicanalítica como base teórica à compreensão do comportamento do adolescente em seu crescimento enquanto pessoa e membro de uma entidade familiar.

Palavras-chave: Família; Adolescência; Transformações; Lutos.

ABSTRACT

This article proposes a reflection and analysis of the family structure and its interaction with the figure of the adolescent in transformation. In their transformation, adolescents build their individualities, facing the bereavements that materialize at this stage of life and with relevant impacts on their relationships with their parents. These bereavements are studied from a psychoanalytic point of view as a theoretical basis for understanding the behavior of adolescents in their growth as a person and as a member of a family entity.

Keywords: Family; Adolescence; Transformations; Bereavements.

243

¹ Especialista em Psicoterapia de Família (PUC-RJ), MBA em Gestão de Recursos Humanos (UVA), Especialista em Orientação Profissional e Gestão de Carreiras (UCAM), Psicóloga Clínica, Bacharel em Psicologia (UNIVERSO). E-mail: feitosa.shirley@gmail.com

² Pós-doutor em Direito Público (USC/Espanha), Doutor em Psicologia (UNIVERSO), Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais (UMSA/Argentina), Doutorando em Direito (UFF), Mestre em Direito (UNESA), Especialista em Direito Educacional (PUC-MINAS), em Direito Tributário e em Direito do Estado (UNESA) e em Administração Financeira (FGV-RIO). Coordenador de Curso e Professor Adjunto da Universidade Veiga de Almeida. Professor Adjunto da Universidade Estácio de Sá. Professor Colaborador do PPGP (Stricto Sensu em Psicologia) da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Professor Visitante do MBA em Economia: Relações Governamentais (FGV-RIO). E-mail: soniarlei@uva.br

Introdução

A adolescência é marcada por diversas transformações, tanto de ordem fisiológica quanto psíquica. Tais transformações são vivenciadas pelos filhos e apresentam impacto na psicodinâmica familiar, resultando em mudanças, conflitos e construções, para que reconfigurações das relações familiares possam se estabelecer. Nesse contexto, destacam-se as transformações dos filhos e de sua família, no que se referem à construção da individualidade do adolescente, os lutos que fazem parte desta fase, tanto para os filhos quanto para seus pais (FABIÃO, 1998).

A adolescência é amplamente discutida por diversos autores em diferentes perspectivas teóricas, sendo considerada uma fase de conflitos e transformações vividas pelo indivíduo adolescente. Contudo, é possível perceber que tais conflitos são considerados necessários para que o adolescente constitua sua individualidade, pois há na dinâmica familiar um significativo impacto. Tal impacto, considerando o ciclo vital familiar (CARTER; MCGOLDRICK, 1995) - onde a família passa por transformações - revela a constatação de que os filhos estão crescendo e os pais ficando mais velhos. Diante disso, espera-se que os pais modifiquem sua maneira de lidar com os filhos, uma vez que se exige do indivíduo adolescente comportamentos que estes não se sentem preparados para assumir e que vão gerar certo desconforto.

No campo da psicanálise, serão discutidos os lutos vividos pelo adolescente e como os pais vivenciam tais lutos frente ao crescimento de seus filhos. Nesta perspectiva teórica, serão observados três lutos fundamentais da adolescência que contribuem de maneira significativa para a discussão, em especial no que tange ao comportamento apresentado pelo adolescente, que se encontra nos conceitos de normal e patológico, presentes na teoria de Aberastury e Knobel (1990).

Realidade transformada

O sistema familiar sofre alterações significativas para conduzir as atividades da adolescência. Neste sentido, a família se transforma, passando de elemento de proteção e nutrição dos filhos pequenos para elemento de preparação do adolescente no universo dos compromissos e responsabilidades da vida adulta (PRETO, 1995). Essas mudanças na família implicam intensas alterações do ponto de vista relacional entre as gerações, ainda que marcada, no primeiro momento, pelo amadurecimento físico do

adolescente e, por vezes, coexistente com as mudanças dos pais, na medida em que estes iniciam a meia-idade, além daquelas vivenciadas pelos avós com a velhice.

Essas mudanças ocorrem numa perspectiva social de maior amplitude. Em sociedades mais tecnológicas, como a norte-americana, a família passou a depender de elementos externos para educar os filhos, estabelecendo limites e dando apoio na busca de emprego, visto que, no passado, a família tinha capacidade de ofertar preparo prático para seus filhos na forma de trabalho. Entretanto, é necessário agora desenvolver habilidades psicológicas que os auxiliarão à sobrevivência em um mundo que se modifica com tanta rapidez. A maior função da família passa a ser a de apoio emocional, que até então se restringia ao suporte econômico (SCHOENFERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010).

Transformações e as fases do ciclo de vida das famílias com adolescentes

Importante a consideração de alguns autores quanto ao fato de que a família seria a unidade operacional que permanece ao longo da vida, do nascimento à morte (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). A estas autoras é devida a escrita da sucessão dos estágios da vida das famílias. Em sua visão, uma destas fases ou estágios corresponde à “família com adolescentes”, muito embora se saiba que estas fases podem se sobrepor, na medida das diferentes fases de desenvolvimento dos indivíduos.

A chegada à adolescência é um momento de grande investimento na flexibilização das fronteiras familiares. É uma fase em que se permite o movimento de entrada e saída do sistema familiar, com ou sem a presença de outros atores (amigos, colegas, conhecidos, dentre outros). Apresentam-se novas demandas e surge a necessidade da negociação dos limites que foram e serão estabelecidos para os jovens. Quando a família é composta também por avós, fica ainda mais evidente a fragilidade destes diante das preocupações dos pais. Os pais, agora, assumem o duplo papel de cuidados com os adolescentes e com os idosos. Sinteticamente, pode se dizer que no processo emocional básico de transição, as famílias com adolescentes tendem a aumentar a flexibilidade das fronteiras familiares para incluir a independência dos filhos e a fragilidade dos avós. São observadas mudanças qualitativas no status familiar, que são necessárias para se prosseguir no desenvolvimento. Modifica-se o relacionamento do progenitor-filho, para permitir ao adolescente maior movimento, dentro e fora do sistema familiar. Estabelece-se um novo foco nas questões conjugais e profissionais dos pais de meia-idade, assim

como há mudanças objetivas no intuito de cuidar dos idosos (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Mudanças e redirecionamento da estrutura familiar (flexibilidade)

As famílias, em sua maioria, realizam mudanças de regras, limites e se reorganizam com o objetivo de proporcionar aos filhos adolescentes autonomia e independência, após a vivência de certo nível de confusão e perturbações. Contudo, é possível observar algumas problemáticas universais ligadas a esta passagem, que podem resultar em problemas para a família e sintomas no indivíduo adolescente, ademais de outros elementos da família.

São exigidas na adolescência mudanças estruturais e reavaliação dos papéis nas famílias. É comum a redefinição dos relacionamentos que pais e avós estabelecem, além de renegociação dos casais no casamento. Por parte dos irmãos também é comum o questionamento da posição que ocupam na família (BARRETO; RABELO, 2015).

A intensidade das demandas adolescentes funciona como incentivo para o surgimento de questões emocionais e ativação de triângulos. A tentativa de trazer satisfação para as demandas resulta, muitas vezes, na revivescência de conflitos não resolvidos entre pais e avós e até mesmo entre os próprios pais. Diante da exigência de autonomia e independência dos filhos, os pais podem ativar o medo da perda e rejeição, principalmente se vivenciaram sentimentos de abandono ou rejeição pelos seus pais durante a adolescência. No que diz respeito à estrutura dos triângulos, normalmente se dá entre o adolescente, o pai e a mãe; ou entre adolescente, um dos pais e um avô; ou ainda entre o adolescente, um dos pais e os amigos do adolescente (ANDOLFI, 1996).

Quando há conflito envolvendo o adolescente e um dos pais, na luta para resolver a tensão são repetidos padrões antigos de relacionamento da família de origem. Com a entrada dos filhos na adolescência, os pais se surpreendem com traços de semelhança na personalidade entre seus filhos e seus pais (TIBA, 2017).

Em sintonia com Prosen et al. (1981), em paralelo à adolescência, as famílias vivenciam ajustes para responder às demandas de outros membros da família que estão iniciando novos estágios do ciclo vital. Em sua maioria, nas famílias com adolescentes, os pais estão próximos da meia-idade, o que implica atenção às questões relacionadas com a meia-idade, tais como reavaliação do casamento e a carreira. Para muitas mulheres, é possível a primeira experiência de trabalhar sem as limitações que atravessavam quando

seus filhos eram pequenos. Para os homens significa potencializar suas carreiras.

Pode haver aumento de estresse na família com o adolescente quando os pais se sentem insatisfeitos e são pressionados a efetuar mudanças em si mesmos. Junto a isso, os avós vivem a aposentadoria, doença e morte; fatores que exigem renegociação dos relacionamentos. Os pais podem precisar atuar como cuidadores de seus próprios pais ou auxiliá-los com as perdas resultantes da velhice.

As demandas podem se tornar conflitantes e as tensões deslocadas para as gerações anteriores ou posteriores. O conflito situado entre pais e avós pode atingir de forma negativa a relação conjugal, afetando a relação entre os pais e o adolescente. Ou o conflito entre pais e adolescente pode se dirigir para a relação do casal, atingindo também a relação entre pais e avós.

Para Faria et al. (2013), as atividades de desenvolvimento do adolescente vão originar mudanças na família, com início no acelerado crescimento físico e no decorrer da puberdade com o amadurecimento sexual. Como resultante da maturidade sexual, as alterações se aceleram em direção à estabilidade de identificação e autonomia diante de sua família, que farão parte de seu desenvolvimento. Os adolescentes são colocados a assumirem comportamentos normativos em relação aos papéis sexuais pela sociedade, escola, família e mídia, gerando conflitos. A possibilidade de diferenciação dos outros está relacionada com sua habilidade de condução dos comportamentos presentes, na expectativa da sociedade, para externar as emoções intensas impostas de maneira súbita pela puberdade. Para atingir a autonomia, é necessário que o adolescente se torne cada vez mais responsável pelas próprias decisões e, junto a isso, possam se sentir seguros pela direção dos pais.

Portanto, a flexibilidade é o norteador para a vitória dessa fase. O aumento da flexibilidade das fronteiras e a modulação da autoridade paterna possibilitam independência e desenvolvimento mais amplos. Contudo, com o objetivo de reduzir os conflitos desse estágio, muitas famílias recorrem a atitudes eficazes em fases anteriores. Dessa maneira, os pais aceitam ou rejeitam completamente os filhos adolescentes, gerando acessos de raiva, isolamento ou a busca de apoio nos avós (FONSECA, 2004).

Hopkins (1983) ressalta as diversas transformações da puberdade que não se resumem apenas ao físico, como evidencia a transição psicológica da infância para a fase adulta. Conforme apresentado no capítulo anterior, a idade da puberdade pode variar, entretanto se inicia mais cedo para as meninas.

Pais e sexualidade

Para os adolescentes, as mudanças físicas e sexuais ocorridas apresentam efeito comovente sobre a forma pela qual se descrevem, modificando profundamente a maneira como são vistos. Enfrentar a confusão de pensamentos, sentimentos e comportamentos de ordem sexual é uma ocupação maior para todos os membros da família. Frente a expressão de novos desejos sexuais, é natural a família se mostrar confusa e aterrorizada, conforme Faria et al. (2013).

A preocupação dos pais com as filhas ao se deparar com o aumento da sexualidade envolve o desejo de proteção do mundo, incluindo a preocupação com a possibilidade de estupro ou gravidez indesejada. Mesmo com a demonstração de amadurecimento físico, os pais receiam que as filhas sejam incapazes de se protegerem. Com os filhos do gênero masculino, as preocupações são diferentes e se manifestam pela aflição de que seus desejos sexuais possam atrapalhar os estudos; conseqüentemente o seu futuro (DICKMAN, 1983).

Para pais bem resolvidos com sua própria sexualidade, é comum a aceitação da sexualidade dos adolescentes. Ocorre o mesmo quando a informação circula livremente no ambiente familiar, permitindo limites práticos, afetivos e maior capacidade em admitir pequenas desobediências. No adolescente, impacta em aceitação que permitirá expressão e vivência desta nova configuração em sua vida. Do contrário, se a sexualidade do adolescente for negada, ignorada ou até mesmo rejeitada pelos pais, ficam prejudicadas as possibilidades positivas de desenvolvimento de conceituação sexual. Desse modo, pode aumentar as chances de sexualidade precoce, em excesso ou perigosa (GARCIA-PRETO, 1995).

No que tange aos impulsos incestuosos envolvendo o adolescente e seu progenitor do sexo oposto, é possível que tal fato ocorra como decorrência da sexualidade do filho. Os pais podem passar de uma relação amorosa e especial para uma relação de rivalidade, em que o pai assume postura possessiva e corretiva e a filha apresente comportamento provocativo. Com as mães e seus filhos, cuja relação seja de proximidade, sentimentos de confusão e conflito são instaurados no momento em que os filhos exigem privacidade. A proximidade da mãe pode ser encarada de forma agressiva pelo filho, e a mãe retribuir de maneira parecida por se sentir ofendida (CRUZ, 2007).

Por meio do viés psicanalítico, a compreensão da relação entre pais e filhos do mesmo sexo é assinalada por competição pela busca de atenção e

amor do progenitor do sexo oposto (FREUD, 1962; BLOS, 1962), além do pressuposto de competição norteadas por suas percepções conflituosas entre os papéis de gênero. Já que os adolescentes demonstram ser mais marcados, em sua perspectiva dos comportamentos masculinos e femininos, do que qualquer outra classe de idade, parece comum que desafiem e enfrentem a atitude paterna que não esteja de acordo com suas percepções (HOPKINS, 1983). Entretanto, essa luta no decorrer da adolescência pode ter mais intensidade com o progenitor do mesmo gênero, que representa seu modelo principal na infância. A maior parte dos conflitos entre pais e filhos na adolescência se deve às diferentes maneiras de interpretação de cada geração acerca dos estereótipos e padrão duplo ligados aos papéis sexuais presentes na sociedade.

Apesar da tendência, em geral, no sentido do enfraquecimento deste duplo padrão, as adolescentes apresentam maior envolvimento emocional nas vivências sexuais em relação aos meninos (PEPLAU, 1976). Em ambos os gêneros, parece existir predisposição para iniciar os relacionamentos sexuais mais cedo (JESSOR; JESSOR, 1975). Isso representa a necessidade de os pais de adolescentes reavaliarem seus padrões diante dos papéis sexuais, possibilitando mudanças que se adequem às normas sexuais mais relaxadas. Para pais com padrões mais tradicionais esse processo pode ser mais difícil.

Importante abordar as relações familiares, suas transformações no processo da adolescência, a compreensão da flexibilização das fronteiras, assim como a maneira de direcionar a preocupação no que diz respeito à sexualidade das meninas e dos meninos, que se transmite de formas distintas. Para dar sequência às mudanças desta fase, é relevante explorar a vivência dos lutos, tanto para os filhos quanto para os pais.

249

Considerações finais

Esta pesquisa objetivou verificar a importância das transformações na psicodinâmica familiar na etapa de vida dos filhos adolescentes. Também foi observada a elaboração dos lutos para o indivíduo adolescente, bem como de seus pais.

Ao longo da pesquisa, percebeu-se a importância de discorrer acerca das transformações no contexto familiar. No processo da adolescência os filhos atravessam inúmeras transformações que demandam dos pais mudanças no modo de se relacionamento com seus filhos. Portanto, foi possível notar a necessidade de novas formas de interação com os adolescentes.

As fronteiras precisam de flexibilização para permitir nova configuração, do ponto de vista relacional. Para a construção da individualidade, de acordo com esta pesquisa, os lutos que marcam esta fase do indivíduo adolescente também se mostraram relevantes. O viés psicanalítico viabilizou a compreensão da vivência dos pais frente a adolescência dos seus filhos. Nesta perspectiva, demonstrou-se a forma como os pais lidam com os filhos nesta fase, implicando a revivescência dos conflitos dos pais e como atravessaram esta etapa da vida.

Referências

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. 5ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ANDOLFI, M. A linguagem do encontro terapêutico. Trad. Rosana Severino Di Leone. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. ÁRIES, P. História social da criança e da família. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARRETO, M. J.; RABELO, A. A. A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. Pensando fam., Porto Alegre, v. 19, n. 2, 2015, p. 34-42.

BLOS, P. The adolescent passage: Developmental issues. In: CARTER, B., MCGOLDRICK, M. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artmed, 1995.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artmed, 1995.

CRUZ, T. J. Adolescente, família e o profissional de saúde. Revista Adolescência & Saúde. Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, 2007, p. 45-50.

DICKMAN, J. R. Teenage pregnancy: what can be done? In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artmed, 1995.

FABIÃO, E. Adolescentes, pares e família. Que cumplicidades. In: LEMGRUBER, K.P.; MATOS, L.P. Adolescência sob a ótica psicanalítica: sobre

o luto adolescente e de seus pais. *Psicologia e Saúde em Debate*. Patos de Minas, v. 2, n. 2, 2017, p. 124-145.

FARIA, E. R.; FRANCESCHINI, S.C.C.; PELUZIO, M.C.G.; SANT'ANA, L. F. R.; PRIORE, S. E. Aspectos metodológicos e éticos da avaliação da maturação sexual de adolescentes. *Rev. Paul. Pediatr.* São Paulo, v. 31, n. 3, p. 398-405, 2013.

FONSECA, H. Abordagem sistêmica em saúde dos adolescentes e suas famílias. *Revista Adolescência & Saúde*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, 2004, p. 6-11.

FREUD, S. Three contributions to the theory of sex. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GARCIA-PRETO, N. Puerto Rican. In: CARTER, B., MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

HOPKINS, J. R. Adolescence: the transitional Years. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

JESSOR, S., JESSOR, R. Transition from virginity to nonvirginity among youth: a psychological study over time. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

PEPLAU, L. A. Impact of fear of success and sex role attitudes on women's competitive achievement. *Journal of Personality and Social Psychology*. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

PROSEN, H.; TOWERS, J.; MARTINS, M. The life cycle of the Family: parental midlife crises and adolescent rebellion. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

TIBA, I. Adolescentes: quem ama, educa! São Paulo: Editora Integrare, 2017.

VARGAS, C.; NELSON, A. Cambios en la familia: repercusiones em la práctica pediátrica. In: FERREIRA-SCHOEN, T.H.; FARIAS-AZNAR, M. Adolescência através dos séculos. Psicologia: Teoria e pesquisa. Brasília, v. 26, n. 2, 2010, p. 227-234.

ZANETTI, S. A. S.; KUPFER, M. C. M. O relato de casos clínicos em psicanálise: um estudo comparativo. Estilos clin., São Paulo, v. 11, n. 21, p. 170-185, dez. 2006.